

# Edições impressas da Bíblia Hebraica

Do século XV até hoje

*Edson de Faria Francisco*<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo comenta alguns aspectos históricos e descreve as características mais relevantes das principais edições da Bíblia Hebraica, desde o surgimento das primeiras publicações no século XV até às mais recentes. O texto limita-se a comentar principalmente as edições críticas e aquelas que marcaram a história da impressão do texto bíblico hebraico. O ponto inicial do texto são as edições surgidas na Itália na segunda metade do século XV, passando pelas edições políglotas dos séculos XVI e XVII, pelas Bíblias rabínicas do século XVI, pelas edições críticas do século XVIII e XX e terminando com as mais recentes publicações de cunho acadêmico, tais como a *Biblia Hebraica 3* (BHK), a *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS), a *Biblia Hebraica Quinta* (BHQ) e a edição da Universidade Hebraica de Jerusalém (Hebrew University Bible Project - HUBP). O objetivo primordial do artigo é fornecer uma visão histórica geral das principais edições da Bíblia Hebraica que são referências obrigatórias para todo estudante, professor e pesquisador da área de Teologia.

---

<sup>1</sup> Edson de Faria Francisco é Mestre em Letras (USP) e professor de Hebraico na Faculdade de Teologia – UMESP.

**Palavras-chave:** Bíblia Hebraica, Edições Críticas, Manuscritos Hebraicos, Massoretas, Massorá, Crítica Textual.

## Introdução

Desde a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg (c.1397-1468) em 1450, tanto judeus como cristãos se interessaram pela impressão do texto da Bíblia Hebraica; apareceram várias publicações de partes do texto bíblico hebraico e, ao passar do tempo, surgiram edições contendo o texto bíblico por inteiro, em vários lugares da Europa, onde os manuscritos foram substituídos largamente por edições impressas. Nas regiões em que não havia ainda as facilidades da imprensa, os livros eram copiados manualmente, como é possível constatar mesmo hoje em determinados países como no Iêmen. Além disso, as edições impressas eliminaram os erros de copistas, comuns nos manuscritos, e auxiliaram na uniformização do texto bíblico, embora ainda existam as chamadas *erratas de imprensa*. Todavia, há poucas diferenças entre uma e outra edição<sup>2</sup>.

Ao longo do tempo, judeus e cristãos produziram diversos tipos de edição do texto da Bíblia Hebraica, tanto os para uso devocional como aqueles destinados à utilização acadêmica. As fontes manuscritas para tais publicações variaram ao passar do tempo e os editores procuraram basear-se em melhores manuscritos hebraicos, inclusive naqueles surgidos durante o desenvolvimento da atividade massorética em Tiberíades, Israel, ocorrida entre os séculos IX e X. Desde o século XVI, o trabalho de se produzir uma edição da Bíblia Hebraica procurou basear-se principalmente no sistema desenvolvido pelos massoretas da

---

<sup>2</sup> Cf. I. Yeivin, *Introduction to the Tiberian Masorah*, 1980, p. 31; E.R. Brotzman, *Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction*, 1994, p. 59 e J. Trebolle Barrera, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, 1996, p. 313.

família Ben Asher, ativa em Tiberíades. Desde então, a maioria das edições da Bíblia Hebraica segue o texto bíblico trabalhado por esses massoretas.

## 1. Definição do título

O nome dado às Escrituras hebraicas pelas línguas ocidentais normalmente é *Bíblia Hebraica* ou *Antigo Testamento hebraico* ou, simplesmente, *Antigo Testamento* ou *Velho Testamento*, entre outros títulos. Na própria língua hebraica há outros termos para designar a mesma obra, considerada sagrada há séculos, tanto pelo judaísmo como pelo cristianismo.

O nome oficial que aparece na capa e nas *páginas de rosto* das edições impressas (inclusive nas edições críticas) é נְבִיאִים וּכְתוּבִים תּוֹרָה (*tōrāh nēvī'im ūkhetūvīm*, lit. Instrução, Profetas e Escritos).<sup>3</sup> Tal título possui uma forma abreviada conhecida como תַּנְכַּח (*tanakh*), cuja três letras são as iniciais de cada termo do título oficial.<sup>4</sup> Há também uma expressão genérica muito usada pelos judeus para designar o texto bíblico hebraico que é מִקְרָא (*miqrā*, lit. leitura).<sup>5</sup> Alguns ainda usam o termo תּוֹרָה para se referir não somente ao Pentateuco/Torá, mas também ao texto da Bíblia Hebraica como um todo.<sup>6</sup>

O judaísmo se refere ao texto bíblico pela seguinte expressão: תּוֹרָה שֶׁבְּכַתָּב (*tōrāh šebbikhtāḇ*, lit. a Torá escrita), em contraste com o Talmude que é chamado pela expressão

3 Cf. *página de rosto* em R. Kittel e P.E. Kahle (eds.), *Bíblia Hebraica 3* (BHK), 15 ed., 1968, p. I; K. Elliger e W. Rudolph (eds.), *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS), 5 ed., 1997, p. I; A. Schenker et alii (eds.), *Bíblia Hebraica Quinta* (BHQ), *Fasciculus extra seriem: Librum Ruth*, 1998, p. I; N.H. Snaith (ed.), *Hebrew Old Testament*, 1995, p. I e M. Koren (ed.), *Torah, Neviim, Khetuvim*, 1996, p. I.

4 Cf. A. Thalenberg, *História Cultural Judaica: Época Bíblica*, 1994, p. 7.

5 C. Levias afirma que o termo מִקְרָא com o sentido de “Bíblia” foi adotado pelos judeus no período dos rabinos amoraim (c. séc. V d.C.), cf. C. Levias, “Masorah” in *The Jewish Encyclopedia*, vol. VIII, 1916, p. 365.

6 Cf. J. B. de Glasman, “Escritura e Judaísmo”, *Morashá* 33, ano IX, junho de 2001, p. 29.

תּוֹרָה שֶׁבְּעַל־פֶּה (*tōrāh šebb'al-peh*, lit. a Torá oral).<sup>7</sup> Por fim, há o termo הַקְּוֹדֶשׁ כְּתוּבֵי ( *kitvé haqqōdesḥ*, lit. Escrituras Sagradas) que possui significado similar ao termo מִקְרָא, já mencionado anteriormente.<sup>8</sup>

## 2. As Primeiras Edições

A primeira edição de partes da Bíblia Hebraica foi a dos *Salmos* terminada em 29 de agosto de 1477, provavelmente em Bolonha, Itália. Posteriormente, apareceram outras porções das Escrituras hebraicas em vários lugares da Europa. Várias dessas publicações, além de apresentarem o texto bíblico, também traziam comentários rabínicos, Targum (traduções aramaicas), além de outros textos. As primeiras edições, seus lugares de publicação e datas são mencionados a seguir:<sup>9</sup>

1. *Pentateuco (Torá)*: Bolonha, Itália (1482); Faro, Portugal (1487); Hajar, Espanha (1490) e Lisboa, Portugal (1491);
2. *Profetas*: Soncino, Itália (1485/1486);
3. *Escritos*: Nápoles, Itália (1486/1487);
4. *Edições completas da Bíblia Hebraica*: Soncino (1488) conhecida como *editio princeps*; Nápoles

7 Cf. J. R. Berezin, *Dicionário Hebraico-Português*, 1995, p. 663; A. Hatzamri e S. More-Hatzamri, *Dicionário Português-Hebraico e Hebraico-Português*, 1991, p. 327 e M. Asheri, *O Judaísmo Vivo: As Tradições e as Leis dos Judeus Praticantes*, 1995, p. 31 e A. Unterman, *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*, 1992, p. 260 e 264.

8 Cf. Berezin, 1995, p. 308 e Unterman, 1992, p. 50.

9 Cf. Brotzman, 1994, p. 59; Treballe Barrera, 1996, p. 313; P.E. Kahle, *The Cairo Geniza*, 2 ed., 1959, p. 119; S. Pisano, “O Texto do Antigo Testamento” in H. Simian-Yofre (coord.) et alii, *Metodologia do Antigo Testamento*, 2000, p. 42; E. Sellin e G. Fohrer, *Introdução ao Antigo Testamento*, vol. 2, 3 ed., 1978, p. 762; C.D. Ginsburg, *Introduction to the Massoretico-Critical Edition of the Hebrew Bible*, 1897, p. 780-781, 794, 803, 807, 815, 820, 831, 836, 847, 871 e 895; E. Tov, *Textual Criticism of the Hebrew Bible*, 1992, p. 77; E. Würthwein, *The Text of the Old Testament: An Introduction to the Biblia Hebraica*, 2 ed., 1995, p. 39, n. 86 e N.H. Snaith, “Bible: Printed Edition (Hebrew)” in *Encyclopaedia Judaica*, vol. 4, 1972, cols. 836-837.

(1491/1493); Brescia (1494) e Pesaro (1511/1517), todas editadas na Itália.

Os massoretas de Tiberíades elaboraram sistemas de vocalização e acentuação do texto bíblico hebraico e os dois mais importantes e conhecidos pelos eruditos são: o sistema elaborado pela família Ben Asher e o sistema desenvolvido pela família Ben Naftali, ambas ativas nos séculos IX e X. O texto da Bíblia Hebraica fruto dos massoretas é denominado pelo mundo acadêmico de *Texto Massorético* ou *Textus Receptus* (texto recebido), o qual tornou-se de uso comum nos últimos cinco séculos do período medieval. A partir do século XIV surgiu em manuscritos massoréticos uma forma de vocalização que continha elementos tanto do sistema de Ben Asher como do de Ben Naftali. Todas as edições surgidas nos séculos XV e XVI em diante, como as mencionadas acima, refletem tal vocalização mista com traços de ambos os massoretas.<sup>10</sup>

### 3. Políglotas

Ao lado das edições feitas pelos judeus no século XV, a partir do século XVI apareceram diversas edições impressas da Bíblia Hebraica feitas pelos cristãos. Várias dessas publicações, conhecidas como *Políglotas*, apresentam o texto bíblico disposto em colunas paralelas e em diversas línguas como: hebraico, grego, latim, aramaico, siríaco, persa, árabe e correspondentes traduções em latim dessas versões. As Políglotas continham também gramáticas, léxicos e podiam abranger vários volumes. Esse trabalho é o resultado do desenvolvimento da crítica bíblica daquela época e essas edições são também importantes por

10 Cf. Kahle, 1959, p. 118-119; Sellin e Fohrer, 1978, p. 760-762; Treballe Barrera, 1996, p. 311; Yeivin, 1980, p. 29; Würthwein, 1995, p. 26 e O. Mainville, *A Bíblia à Luz da História: Guia de Exegese Histórico-Crítica*, 1999, p. 21-22.

conterem um rico conteúdo textual.<sup>11</sup> As mais importantes edições Políglotas produzidas pelos cristãos são:

#### a. *Políglota Complutense*

Esta edição conhecida como *Bíblia Polyglota Complutensia* foi realizada pela Universidade de Alcalá, próxima a Madri, Espanha. O seu responsável foi o cardeal Francisco Ximenes de Cisneros, arcebispo de Toledo (1436-1517) e essa edição teve a colaboração de vários eruditos, tanto judeus como cristãos, os quais trabalharam na preparação da obra entre 1514 e 1517, mas publicada somente em 1522. O texto bíblico era trilingüe: hebraico, grego e latim, dividido em colunas paralelas e abrangendo seis volumes, quatro dos quais dedicados ao texto do Antigo Testamento. O manuscrito que serviu de base para o texto hebraico foi o Codex n.º 1 da Universidade de Madri, datado de 1280 e produzido em Toledo, Espanha.<sup>12</sup>

#### b. *Políglota de Antuérpia*

Essa edição políglota conhecida como *Bíblia Régia* foi publicada entre 1569 e 1572 em Antuérpia, Holanda. A obra continha ao todo oito volumes, dos quais, os quatro primeiros dedicados ao Antigo Testamento.<sup>13</sup>

#### c. *Políglota de Paris*

A terceira políglota importante a ser editada foi a de Paris, publicada entre 1629 e 1645. Essa edição somente reproduz a Políglota de Antuérpia e apenas acrescenta o texto do Pentateuco Samaritano e o Targum Samaritano.<sup>14</sup>

11 Cf. Tov, 1992, p. 77.

12 Cf. Treballe Barrera, 1996, p. 313; Tov, 1992, p. 77-78; Snaith, 1972, col. 838; Pisano, 2000, p. 43; Würthwein, 1995, p. 23 e 226; Kahle, 1959, p. 124-126 e Ginsburg, 1897, p. 771; 906-908 e 919.

13 Cf. Tov, 1992, p. 78 e Treballe Barrera, 1996, p. 314.

14 Cf. Tov, 1992, p. 78; Kahle, 1959, p. 53 e Treballe Barrera, 1996, p. 314.

#### d. Poliglota de Londres

A última das grandes políglotas foi editada entre 1654 e 1657 em Londres, Inglaterra, e seu responsável foi Brian Walton que, segundo os estudiosos, realizou uma edição cuidadosa que superou as outras anteriores. Em sua poliglota constavam: o texto hebraico, o Pentateuco Samaritano, o Targum Samaritano, a LXX, a Vetus Latina, o Targum, a versão etíope e a versão persa, todas elas com as suas correspondentes traduções latinas.<sup>15</sup>

### 4. Bíblias Rabínicas

No começo do século XVI surgiram edições, produzidas por judeus, que continham o texto bíblico hebraico, Targum e vários comentários rabínicos medievais como os de Rashi (Rabi Shelomoh ben Itzhaq, 1040-1105), Naḥmânides (Rabi Mosheh ben Naḥman, 1194-1270), Abraão Ibn Ezra (1090-1164), Rashbam (Rabi Shemuel ben Meir, 1085-1174), Radaq (David Qimhi, 1160-1235), entre outros. Tais obras, semelhantemente às políglotas, alcançavam vários volumes e foram muito importantes para a história da impressão do texto da Bíblia Hebraica. Essas *políglotas judaicas* são conhecidas como *Bíblias Rabínicas* cujo título em hebraico é *מִקְרָאוֹת גְּדוּלוֹת* (*miqr'ot gēdōlōt*, textos bíblicos estendidos, ampliados),<sup>16</sup> duas das quais serão comentadas por serem as mais relevantes, principalmente a segunda:

#### a. A Primeira Bíblia Rabínica

A *Primeira Bíblia Rabínica* foi produzida por Felix Pratensis, um judeu que se convertera ao cristianismo e filho de

15 Cf. Tov, 1992, p. 78; Kahle, 1959, p. 53; Treballe Barrera, 1996, p. 314 e Snaith, 1972, col. 841.

16 Cf. Tov, 1992, p. 78.

rabino. Seu batismo ocorreu em 1506 e pertencera à Ordem dos Eremitas Agostinianos. A edição de Felix Pratensis foi produzida na gráfica do holandês Daniel Bomberg, em Veneza, Itália em 1516/1517 e continha 667 fólhos distribuídos em quatro volumes com texto bíblico, Targum e comentários de Rashi, Ibn Ezra, Qimhi, entre outros. Terminada a edição, Felix Pratensis a dedicou ao papa da época, Leão X (1513-1521).<sup>17</sup>

A edição baseou-se em manuscritos medievais tardios, do século XII em diante e foi a primeira vez que uma edição do texto bíblico hebraico trazia as anotações de Querê e Ketiv, além de outros destaques textuais como: pontos extraordinários, letras maiúsculas e minúsculas, *nun* invertido e outros. O último volume ainda trazia outros textos como o *Diqduqê ha-Teamim* de Aarão ben Asher e os *Treze Princípios de Fé* de Maimônides. Uma outra inovação dessa edição, além das citadas, foi a divisão de cada um dos livros de Samuel, Reis e Crônicas em dois, em conformidade com o texto da Vulgata.<sup>18</sup>

#### b. A Segunda Bíblia Rabínica

Após a publicação da Primeira Bíblia Rabínica, surgiu a *Segunda Bíblia Rabínica*, considerada o novo *Textus Receptus* (texto recebido) ou ainda como *Edição Recebida*. Tal obra foi editada pelo rabino Jacob ben Hayyim (Yaaqov ben Hayyim ibn Adoniah) em 1524/1525 em Veneza, Itália, na mesma gráfica de Daniel Bomberg.<sup>19</sup> Pelo fato de ser editada por Bomberg, essa edição também é conhecida como *Bombergiana* (citada no aparato crítico da *Biblia Hebraica* [BHK] e da *Biblia Hebraica*

17 Cf. Würthwein, 1995, p. 184; Sellin e Fohrer, 1978, p. 762; Kahle, 1959, p. 120-122 e Ginsburg, 1897, p. 925-935.

18 Cf. Pisano, 2000, p. 42; Würthwein, 1995, p. 184; Treballe Barrera, 1996, p. 313; Tov, 1992, p. 78; Snaith, 1972, col. 838; Brotzman, 1994, p. 54; Kahle, 1959, p. 124 e Ginsburg, 1897, p. 936-948.

19 Cf. Ginsburg, 1897, p. 956-957; Yeivin, 1980, p. 31-32; Würthwein, 1995, p. 39; Brotzman, 1994, p. 59-60; Tov, 1992, p. 78; Kahle, 1959, p. 119; Treballe Barrera, 1996, p. 313 e Sellin e Fohrer, 1978, p. 762.

*Stuttgartensia* [BHS] como כס) e também como מְקִרְאוֹת הַגְּדוּלוֹת (citada no aparato crítico das edições da Hebrew University Bible Project [HUBP] como ן).<sup>20</sup>

Como sua antecessora, a Segunda Bíblia Rabínica também era baseada em manuscritos medievais tardios, a partir do século XII em diante e alguns eram do século XVI. Essa edição tornou-se o texto padrão da Bíblia Hebraica e serviu de base para todas as edições até o século XX. Até hoje, a Segunda Bíblia Rabínica é considerada o texto oficial das edições da Bíblia Hebraica utilizadas pelo judaísmo.<sup>21</sup>

A obra abrangia um total de 925 fólios divididos em quatro volumes e possuía texto bíblico, vocalização, acentuação, Targum e comentários de rabinos da Idade Média como Rashi, Ibn Ezra, Davi e Moisés Qimḥi, Levi ben Gershom, entre outros. Foi a primeira vez em que se editou a Massorá (Masora Parva, Masora Magna e um tipo de Masora Finalis) coletada de vários manuscritos. Jacob Ben Hayyim fez o trabalho de coletar, analisar, ordenar e corrigir o material massorético e aplicá-lo à sua edição. A importância dessa publicação está em que Ben Hayyim foi o responsável pelo resgate do significado e da importância da Massorá e de sua relação com o texto bíblico.<sup>22</sup>

Por fim, a obra de Ben Hayyim só foi superada pelas edições críticas modernas como a BHK, a BHS e pelas edições da Hebrew University Bible Project (HUBP), as quais são baseadas em manuscritos hebraicos mais antigos e próximos à época dos

20 Cf. BHK, 1968, p. XL; BHS, 1997, p. XLVII; M.H. Goshen-Gottstein (ed.), *The Book of Isaiah*, vol. 3, Hebrew University Bible Project (HUBP), 1995, p. XLVII e C. Rabin, S. Talmon e E. Tov (eds.), *The Book of Jeremiah*, Hebrew University Bible Project (HUBP), 1997, p. XXXIV-XXXV.

21 Cf. Würthwein, 1995, p. 39; Sellin e Fohrer, 1978, p. 762; Treballe Barrera, 1996, p. 313; Tov, 1992, p. 78; Brotzman, 1994, p. 60; Yeivin, 1980, p. 32; Kahle, 1959, p. 119; Ginsburg, 1897, p. 956 e N.K. Gottwald, *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*, 2 ed., 1988, p. 127.

22 Cf. Yeivin, 1980, p. 31; Würthwein, 1995, p. 39; Brotzman, 1994, p. 60; Tov, 1992, p. 74; Ginsburg, 1897, p. 957-958; Kahle, 1959, p. 129-131 e P.H. Kelley, D.S. Myntatt e T.G. Crawford, *The Masorah of Biblia Hebraica Stuttgartensia: Introduction and Annotated Glossary*, 1998, p. 24-25.

massoretas. Uma edição fac-símile da obra foi publicada por Moshe H. Goshen-Gottstein (*Biblia Rabbinica: A Reprint of the 1525 Venice Edition*, 1972) e M. Cohen publicou uma edição crítica (*Miqraot Gedolot 'Haketer' - A Revised and Augmented Scientific Edition of Miqraot Gedolot Based on the Aleppo Codex and Early Medieval MSS, Joshua-Judges*, 1992).<sup>23</sup>

## 5. Edições do século XVII até XIX

A partir do século XVII em diante apareceram diversas edições impressas que são baseadas no texto da Segunda Bíblia Rabínica e tais edições são muito parecidas entre si. Contudo, as mesmas contêm pequenas modificações textuais baseadas em antigos manuscritos massoréticos. Dentre as mais importantes pode-se mencionar as editadas por: J. Buxtorf (1611), J. Athias (1661), J. Leusden (2 ed. 1667), D.E. Jablonski (1699), E. van der Hooght (1705), J.D. Michaelis (1720), J.C. Döderlein e J.H. Meisner (1818), A. Hahn (1831), E.F.C. Rosenmüller (1834), M.H. Letteris (1825), S.I. Baer e F. Delitzch (1869/1895), entre outras.<sup>24</sup>

## 6. Edições Modernas

Algumas edições modernas da Bíblia Hebraica apresentam uma concepção crítica do texto bíblico hebraico e normalmente tentam basear-se em melhores fontes, isto é, em manuscritos de melhor qualidade que remontam, se possível, ao período mais próximo ao dos grandes massoretas. A nova orientação defendida por essas publicações visava superar a Segunda Bíblia Rabínica, a qual baseava-se em manuscritos medievais

23 Cf. Tov, 1992, p. 78; Pisano, 2000, p. 43 e Treballe Barrera, 1996, p. 313.

24 Cf. Snaith, 1972, col. 839; Tov, 1992, p. 78; Würthwein, 1995, p. 40-41 e Ginsburg, 1897, p. 1006-1007.

tardios. Contudo, determinadas edições recentes ainda seguem o texto de Ben Hayyim. A lista a seguir traz os nomes das principais edições modernas, seus editores, datas em que foram publicadas e suas respectivas fontes:<sup>25</sup>

1. Umberto D. Cassuto (ed.), *The Jerusalem Bible* (1952/1953): correção da edição de Christian D. Ginsburg (1908/1926).
2. Norman H. Snaith (ed.), *Hebrew Old Testament* (1958): manuscritos Or 2626 e Or 2628 (1482), Or 2375 (1468/1480) e Bíblia de Shem Tov (1312).
3. M. Koren (ed.), *Torah, Neviim, Ketuvim* (1966): Segunda Bíblia Rabínica (1524/1525).
4. Aron Dotan (ed.), *Edição Adi* (1976): Códice de Leningrado B19a (1008 ou 1009).

25 Cf. Tov, 1992, p. xx-xxi e 79; Snaith, 1972, cols. 839-840; Brotzman, 1994, p. 60; Trebelle Barrera, 1996, p. 312 e Würthwein, 1995, p. 42. B.J. Roberts argumenta que duas das edições citadas acima mereceriam uma atenção maior por parte dos eruditos, pois representam um avanço nos estudos da história do texto da Bíblia Hebraica pós-1937. As edições contempladas por Roberts são: a edição de Umberto (Moshe) D. Cassuto (1952/1953) e a edição de Norman H. Snaith (1958), as quais, segundo o autor, são edições importantes e seus textos, reconstruídos cientificamente, também representam testemunhos da tradição massorética da escola de Ben Asher e próximos ao texto da então *Bíblia Hebraica 3* (BHK) de R. Kittel e P.E. Kahle (1929/1937) que tem por base o Códice de Leningrado B19a, cf. B.J. Roberts, "The Hebrew Bible Since 1937", *JTS* 15, 1964, p. 254-257. O próprio Snaith, defendendo a sua edição e seus métodos de editoração de um texto bíblico hebraico, argumenta que seu texto é muito próximo ao da BHK e defende que uma edição que pretenda ser fiel ao sistema de Ben Asher pode ser baseada em diversas fontes, além do Códice de Leningrado B19a, entre outros manuscritos massoréticos, cf. N.H. Snaith, "The Ben Asher Text", *Textus* 2, 1962, p. 12-13. E. Würthwein também confirma que a edição de Snaith, que é baseada em manuscritos sefaradim dos séculos XIV e XV, assemelha-se ao texto da BHK, cf. Würthwein, 1995, p. 42. P.E. Kahle, comentando sobre a mesma edição, também mostrou uma opinião favorável aos métodos adotados por Snaith em sua editoração de um texto da Bíblia Hebraica de tradição Ben Asher, cf. Kahle, 1959, p. 139-140. Kahle, comentando sobre a edição de U. Cassuto argumenta que, apesar dos esforços deste estudioso querer editar um texto baseado em manuscritos de tradição Ben Asher pesquisados pelo próprio, a Magnes Press de Jerusalém, responsável pela publicação, após a morte de Cassuto, meramente reproduziu *mecanicamente* a edição de Christian D. Ginsburg (1908/1926). Tal fato mereceu uma observação crítica por parte de Kahle, pois além dos editores da Magnes Press não informarem em qual edição a nova publicação era baseada, informava ainda que a mesma era *uma Bíblia corrigida por Moshe David Cassuto tendo por base a Massorá de Ben Asher!*, cf. P.E. Kahle, "The New Hebrew Bible", *VT* 3, 1953, p. 419-420.

5. Mordechai Breuer, *Torah, Neviim, Ketuvim* (1977/1982): Códice de Alepo A (925/930) e manuscritos medievais iemenitas.
6. *Sinai* (1983): Segunda Bíblia Rabínica.
7. Aron Dotan (ed.), *Bíblia Hebraica Leningradensia* (2001): Códice de Leningrado B19a (1008 ou 1009).

## 7. As Antigas Edições Críticas: Kennicott, De Rossi e Ginsburg

De todas as edições críticas da Bíblia Hebraica, surgidas entre o século XVIII e o início do século XX, as mais importantes para o mundo erudito são as obras de Benjamin Kennicott, de Giovanni Bernardo de Rossi e de Christian David Ginsburg. Tais obras são trabalhos acadêmicos que apresentam aparatos citando variantes textuais de inúmeros manuscritos medievais hebraicos e de edições impressas da Bíblia Hebraica. As variantes são importantes para os estudos atuais sobre diferenças textuais encontradas em manuscritos hebraicos da Idade Média. As modernas edições críticas como a BHK, a BHS e as da HUBP utilizam as citações coletadas por essas obras em seus respectivos aparatos de variantes textuais.

As modernas edições acadêmicas costumam utilizar abreviaturas para designar as três edições mencionadas em seus aparatos críticos: a BHK e a BHS adotam as suas próprias abreviaturas, enquanto nas edições da HUBP são adotadas outras. O aparato crítico da BHS costuma citar variantes dos manuscritos citados nas edições de Kennicott, De Rossi e de Ginsburg de modo coletivo e da seguinte forma:

1. pc Mss (poucos manuscritos hebraicos medievais, de 3 a 10 manuscritos);
2. nonn Mss (vários manuscritos hebraicos medievais, de 11 a 20 manuscritos);

3. mtl Mss (muitos manuscritos hebraicos medievais, de 21 a 60 manuscritos);
4. permlt Mss (muitíssimos manuscritos hebraicos medievais, mais de 60 manuscritos);
5. As abreviaturas Ed (edição) e Edd (edições) usadas na BHS também referem-se às três edições em discussão e são citadas de modo semelhante às abreviaturas Ms (manuscrito) e Mss (manuscritos).<sup>26</sup>

É comum a BHS registrar variantes coletadas dessas edições e de seus manuscritos em comparação com o Códice de Leningrado B19a (L), como pode-se conferir no texto de Gn 16.2, no qual consta a seguinte nota no aparato crítico da BHS: sic L, mtl Mss Edd מִמֶּנָּהּ. Tradução: *a palavra que está em Gn 16.2 está de acordo com o texto do Códice de Leningrado B19a [Códice L]. Muitos manuscritos hebraicos medievais e as edições de Kennicott, de Rossi e de Ginsburg possuem essa palavra do seguinte modo: מִמֶּנָּהּ (mimmennāh, por ela, por meio dela).*<sup>27</sup>

As modernas edições críticas citam continuamente o trabalho realizado por Kennicott, De Rossi e Ginsburg, pois a quantidade de manuscritos consultados por eles é grande, apesar da maioria dos manuscritos terem surgido em tempos posteriores ao dos massoretas e não terem a importância dos antigos códices surgidos na época de evolução da atividade massorética, como o Códice de Leningrado B19a, o Códice de Alepo A, entre outros. Todavia, suas obras ainda são fonte de referência para o trabalho de Crítica Textual do texto hebraico do Antigo

26 Cf. BHS, 1997, p. XLVIII-L e LXIX; BHK, 1968, p. XLI-XLII; Brotzman, 1994, p. 104; Yeivin, 1980, p. 29-30; Würthwein, 1995, p. 233 e 235; R.I. Vasholz, Data for the Sigla of the BHS, 1983, p. 2 e 8; R. Wonneberger, Understanding BHS: A Manual for the Users of Biblia Hebraica Stuttgartensia, 2 ed., 1990, p. 36-37 e W.R. Scott, A Simplified Guide to BHS: Critical Apparatus, Masora, Accents, Unusual Letters & Other Markings, 3 ed., 1995, p. 86.

27 Cf. BHS, 1997, p. 21, Gn 16.2.

Testamento. Algumas informações mais relevantes sobre essas antigas edições críticas serão dadas a seguir:

#### a. A Edição de Benjamin Kennicott

A edição de Benjamin Kennicott possui o seguinte título: *Vetus Testamentum Hebraicum cum variis lectionibus*, vols. I-II. Esta obra foi editada em Oxford, Inglaterra, entre 1776/1780. Kennicott coletou variantes textuais de 615 manuscritos e de 52 edições da Bíblia Hebraica. O texto hebraico base de sua edição seguia a edição de Everard van der Hooght (1705). Os manuscritos que Kennicott pesquisou datavam do século XII em diante e eram de procedência de bibliotecas da Europa Oriental e do Norte da Europa.<sup>28</sup>

A edição de Kennicott enumera cada manuscrito usado pelo autor e no aparato crítico da BHS é comum aparecer citações dessa publicação do seguinte modo: V<sup>Ken1</sup>, V<sup>Ken69</sup>, V<sup>Ken96</sup>, V<sup>Ken107</sup>, isto é, *leitura variante no manuscrito 1 da edição de Kennicott; leitura variante no manuscrito 69 da coleção de Kennicott e assim por diante.* As edições da HUBP costumam designar a edição de Kennicott da seguinte forma: “K”, a qual aparece principalmente em seu terceiro aparato crítico.<sup>29</sup>

#### b. A Edição de Giovanni Bernardo de Rossi

A edição de Giovanni Bernardo de Rossi complementa a edição de seu antecessor, Benjamin Kennicott, e sua obra tem por título: *Variae Lectiones Veteris Testamenti, ex immensa MMS. Editorumq. Codicum Congerie haustae et ad Samar. Textum, ad vetustiss. versiones, ad accuratiores sacrae criticae fontes ac leges examinatae opera ac studio Johannis Bern. de Rossi.* vols. I-IV. Editada em Parma, Itália, entre 1784/1788 e

28 Cf. Würthwein, 1995, p. 40; Tov, 1992, p. 36-37; Brotzman, 1994, p. 58; Treballe Barrera, 1996, p. 314; Yeivin, 1980, p. 29; Kahle, 1959, p. 5 e Pisano, 2000, p. 44.

29 Cf. BHS, 1997, p. LI e HUBP, 1995, p. xlv.

reimpressa em Amsterdã, Holanda, em 1969. De Rossi coletou variantes textuais de 1418 manuscritos medievais, todos da mesma época daqueles que Kennicott usou em sua edição e de 374 edições impressas do texto bíblico hebraico.<sup>30</sup> No aparato crítico da BHS esta edição é citada como: “de Rossi” e na edição da HUBP como: “R”.<sup>31</sup>

### c. A Edição de Christian David Ginsburg

A última dessas obras é a edição do judeu-cristão de origem polonesa, Christian David Ginsburg (1831-1914), intitulada: *Textum Masoreticum accuratissime expressit e fontibus Masorae codicumque varie illustravit*. Sua edição foi publicada em Londres, Inglaterra, entre 1908 e 1926. Ginsburg trabalhou basicamente com os manuscritos hebraicos da coleção do Museu Britânico de Londres e dentre os manuscritos por ele usados estavam o Códice Or 4445 B, o Códice de Leningrado B3 P e o Códice Reuchliniano R. Sua coleta de variantes textuais baseou-se em 75 manuscritos hebraicos medievais e em 19 edições do texto hebraico publicadas antes de 1524. O texto bíblico de sua edição seguia basicamente o da Segunda Bíblia Rabínica.<sup>32</sup> Na BHS, sua edição do texto bíblico hebraico é citada da seguinte maneira: no aparato crítico de “Ginsburg” e no aparato massorético de “G”.<sup>33</sup> Na edição da HUBP é citada também como “G”.<sup>34</sup>

Os eruditos em Crítica Textual, ao analisarem as edições de Kennicott, a de De Rossi e a de Ginsburg, constataram que

30 Cf. Würthwein, 1995, p. 40; Tov, 1992, p. 36-37; Yeivin, 1980, p. 29; Brotzman, 1994, p. 58; Treballe Barrera, 1996, p. 314 e Pisano, 2000, p. 44.

31 Cf. BHS, 1997, p. 523 (em 2Sm 12.11); HUBP, 1995, p. xliv e Wonneberger, 1990, p. 37.

32 Cf. Würthwein, 1995, p. 41; Tov, 1992, p. 79; Yeivin, 1980, p. 29; Kahle, 1959, p. 136-137; Brotzman, 1994, p. 60 e Treballe Barrera, 1996, p. 312.

33 Cf. BHS, 1997, p. LIII e 449 (em 1Sm 3.13); Würthwein, 1995, p. 233 e Wonneberger, 1990, p. 37.

34 Cf. HUBP, 1995, p. XLIV.

os manuscritos consultados pelos três compiladores eram de tradição massorética e apresentavam poucas variantes sérias e a maioria delas estão relacionadas a erros de escrita e não oferecem alterações no entendimento do texto. Isso confirma que os manuscritos massoréticos medievais apresentam uma sólida tradição textual que remonta ao período dos escribas judeus anteriores ao período medieval e aos massoretas, principalmente os de Tiberíades.<sup>35</sup>

## 8. As Edições Críticas Modernas:

BHK, BHS, BHQ e HUBP

Atualmente há três edições críticas da Bíblia Hebraica preferidas pelo mundo erudito, as quais são conhecidas como: *Biblia Hebraica 3* de Rudolf Kittel e Paul E. Kahle (BHK), *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS) e as edições da Hebrew University Bible Project (HUBP). Dentro de alguns anos estará à disposição a *Biblia Hebraica Quinta* (BHQ) que será a sucessora da BHS e que estará na mesma linha de suas predecessoras, a BHK e a já mencionada BHS. O texto hebraico dessas edições tem por base um único manuscrito pertencente à tradição da família Ben Asher e próximo à época áurea da atividade desses massoretas ocorrida entre os séculos IX e X.

As modernas edições críticas revolucionaram o conceito de se editar a Bíblia Hebraica e trouxeram também novos rumos para as futuras publicações, suplantando todas as demais edições anteriores e tornando-se superiores, inclusive, à Segunda Bíblia Rabínica.<sup>36</sup> Tais edições críticas apresentam um aparato crítico com muitas citações de variantes de manuscritos hebraicos medievais, dos manuscritos do Mar Morto, de outras edições do texto hebraico e de versões antigas como grego, latim,

35 Cf. Pisano, 2000, p. 44.

36 Cf. Tov, 1992, p. 371-374 e Würthwein, 1995, p. 43-44.



aramaico, siríaco, copta, etíope, armênio e árabe. O enfoque e os métodos de Crítica Textual, adotados por essas edições, diferem entre si. Por um lado, a BHK e a BHS adotam emendas ao texto hebraico, e por outro lado, as edições da HUBP evitam fazer tais emendas, apenas limitando-se a mencionar os diversos tipos de variantes encontrados nos antigos testemunhos textuais, tanto os da Antigüidade como também os da Idade Média.<sup>37</sup>

Juntamente com um aparato crítico renovado e mais rigoroso, as edições acadêmicas trazem ao longo de suas páginas a Massorá desenvolvida pelos massoretas. Na BHK e na BHS constam a Masora Parva e a Masora Finalis do Códice de Leningrado B19a. As edições da HUBP apresentam as três formas da Massorá: a Masora Parva, a Masora Magna e a Masora Finalis do Códice de Alepo A.<sup>38</sup> Por fim, a futura BHQ, quando estiver concluída, apresentará inovações ao mundo acadêmico ao trazer um formato novo do aparato crítico, da Massorá e do texto bíblico. A BHQ baseada também no Códice de Leningrado B19a. As principais características dessas quatro edições serão abordadas a seguir:

#### a. *Biblia Hebraica 3* (BHK)

As duas primeiras edições da *Biblia Hebraica* (BH1, 1905 e BH2, 1913 ambas editadas em Leipzig, Alemanha), cujo editor foi Rudolf Kittel, seguiam ainda o texto da Segunda Bíblia Rabínica. A partir da 3ª edição (BHK, Stuttgart, 1929/1937) R. Kittel abandonou o texto eclético da Segunda Bíblia Rabínica, que era baseado em manuscritos medievais tardios, para editar, por sugestão de Paul E. Kahle, o Códice de Leningrado B19a datado de 1008 ou 1009,<sup>39</sup> cujo texto pertenceria à *pura tradi-*

37 Cf. Tov, 1992, p. 374-376.

38 Cf. Würthwein, 1995, p. 42-44.

39 Esse códice pertence à Biblioteca Nacional Russa de São Petersburgo, Rússia (antiga Biblioteca Pública Estatal Saltykov-Shchedrin de Leningrado).

ção de Aarão Ben Asher, segundo sua opinião.<sup>40</sup> Os editores dessa edição são os próprios Rudolf Kittel e Paul E. Kahle, os quais receberam a colaboração nesse trabalho de Otto Eißfeldt, Albrecht Alt, Martin Noth e outros eruditos em Antigo Testamento. A partir de sua 7ª edição (1951) seu aparato crítico registra variantes encontradas no *primeiro manuscrito de Isaías, da primeira gruta de Qumran* (1QIS<sup>a</sup>), descoberta em 1947.<sup>41</sup>

A BHK somente reproduziu a Masora Parva e a Masora Finalis do Códice de Leningrado B19a, mesmo com os seus erros e imperfeições e sem uma orientação crítica que pudesse rever os vários casos de contradições contidas ali. Em relação à Masora Magna, ela não pôde ser editada junto com essa edição, como era o desejo e o plano inicial de Kittel.<sup>42</sup>

O aparato crítico da BHK apresenta-se em formato novo em relação às anteriores, registrando variantes de muitos testemunhos textuais antigos e observados por gerações de eruditos em Crítica Textual. Sua seleção de variantes é mais extensa do que a da BHS. Seu aparato crítico é dividido em duas partes: o primeiro aparato (*de cima*) registra variantes menos importantes e superficiais, enquanto o segundo (*de baixo*) contém as mais importantes e profundas variantes contidas em várias fontes.<sup>43</sup>

A orientação crítica seguida pela BHK visa fazer emendas ao Texto Massorético (o tradicional texto da Bíblia Hebraica fixado pelos massoretas), através de conjecturas numa tentativa de assim restaurar detalhes textuais de um pressuposto original

40 Segundo a opinião de Kahle, o Códice de Leningrado B19a é um tipo definitivo de texto Ben Asher e, além disso, é o resultado dos esforços da família Ben Asher em fixar o texto bíblico hebraico, cf. P.E. Kahle, "The Ben Asher Bible Manuscripts", *VT* 1, 1951, p. 164.

41 Cf. Würthwein, 1995, p. 43.

42 Cf. BHS, 1997, p. XXIX. Os editores planejavam publicar no final do volume da BHK a Masora Magna em ordem alfabética, mas esse plano não se concretizou, cf. BHK, 1968, p. XXVIII. No prefácio da mesma edição, Kahle afirma que uma edição da Masora Magna estaria sendo preparada, mas também essa intenção não se realizou, cf. BHK, 1968, p. XXXII. Por fim, a BHK somente esteve hábil a publicar a Masora Parva do Códice de Leningrado B19a e somente a BHS, posteriormente, pôde publicar ambas: a Masora Parva e a Masora Magna do mesmo manuscrito massorético.

hebraico diferente da forma textual estabelecida pelos escribas judeus e massoretas. Algumas notas críticas são formuladas em latim da seguinte maneira: l (*legere*, leia-se); dl (*delendum*, deletado, apagado); ins (*insere*, inserido); pr (*praemitte*, coloque-se antes); ftr (*fortasse*, possivelmente); prp (*propositum*, proposto); prb (*probabiliter*, provavelmente); om (*omittit*, omitido); add (*additum*, adicionado), entre outras abreviaturas.<sup>44</sup>

Bleddyn J. Roberts afirma que um dos méritos da BHK é que com sua publicação houve a reintrodução de um verdadeiro texto massorético no lugar do texto eclético de Ben Hayyim.<sup>45</sup> Devida à sua importância no mundo erudito, a BHK tornou-se a edição crítica da Bíblia Hebraica mais usada durante o século XX e com grande reconhecimento internacional. Posteriormente, esta edição só foi superada pela sua sucessora, a BHS.

#### b. *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS)

Assim como a BHK, a *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS), também tem por base a mesma fonte de sua antecessora, o Códice de Leningrado B19a. A BHS apresenta várias inovações em relação à BHK, como, por exemplo, um aparato crítico renovado e atualizado, a Massorá revisada, refeita e ampliada, além de uma melhor fidelidade e precisão em reproduzir o texto do códice mencionado.<sup>46</sup>

A BHS foi editada em Stuttgart, Alemanha, em 1967/1977 e os seus editores são Karl Elliger e Wilhelm Rudolph, os quais tiveram a colaboração de Otto Eißfeldt, Walter Baumgartner, Hans P. Rüger, P. A. H. de Boer, Johannes Hempel,

43 Cf. BHK, 1968, p. XXVI.

44 Cf. BHK, 1968, p. XL-XLIII.

45 Cf. B.J. Roberts, "The Emergence of the Tiberian Massoretic Text", *JTS* 49, 1948, p. 16.

46 Cf. J. Barr, "Review of *Biblia Hebraica Stuttgartensia*", *JTS* 30, 1979, p. 212; idem, "Review of *Biblia Hebraica Stuttgartensia*", *JIS* 25, 1980, p. 99-100 e I. Yeivin, "The New Edition of the *Biblia Hebraica* – its Text and Massorah", *Textus* 7, 1969, p. 116-118.

Gérard E. Weil, entre outros.<sup>47</sup> Desde seu surgimento, apareceram várias obras comentando o seu valor para a classe acadêmica. Ao passar do tempo, surgiram manuais explicando a terminologia de seu aparato crítico e Massorá e posteriormente houve uma revisão de seu texto a partir da 2ª edição (1984).<sup>48</sup>

Semelhantemente à BHK, a BHS segue os mesmos métodos da Crítica Textual adotados pela antiga edição e há uma tentativa de corrigir o Texto Massorético propondo emendas conjecturais ao seu texto. A terminologia empregada em seu aparato crítico é praticamente a mesma da usada na BHK.<sup>49</sup>

Em relação à Massorá, a BHS, assim como a BHK, editou a Masora Finalis e a Masora Parva do Códice de Leningrado B19a em um novo formato e com uma rigorosa revisão crítica feita por Gérard E. Weil, o qual a corrigiu por inteiro, complementando notas deficientes e adicionando com mais notas massoréticas. Por fim, a extensão da Masora Parva da BHS ficou três vezes maior do que aquela da BHK.<sup>50</sup> A Masora Magna foi editada como suplemento à BHS em um volume à parte (tomo II da BHS), cujo título é *Massorah Gedolah iuxta Codicem Leningradensem B19a*, vol. I Catalogi (Roma, 1971) de autoria do próprio Weil.<sup>51</sup>

Alguns estudiosos publicaram manuais explicando e comentando a terminologia utilizada pela BHS e muito têm contribuído na compreensão de seu texto, de suas informações e de seus dados massoréticos. Dentre os eruditos que se dedicaram a esse tipo de trabalho estão: Hans P. Rüger, Robert I. Vasholz, Reinhard Wonneberger, William R. Scott, Ernst Würthwein,

47 Cf. BHS, 1997, p. II.

48 Cf. Tov, 1992, p. 3 e 7. R. Wonneberger fornece uma lista de correções ao texto da BHS, cf. Wonneberger, 1990, p. 74-75.

49 Cf. BHS, 1997, p. XLVII-LIII.

50 Ibidem, 1997, p. XXXIV.

51 Cf. BHS, 1997, p. XXXI e XXXIII; Barr, 1979, p. 212-213; idem, 1980, p. 100; Kelley et alii, 1998, p. 57; Yeivin, 1969, p. 120 e J.A. Sanders, "Review of *Biblia Hebraica Stuttgartensia*", *JBL* 98, 1979, p. 418.

Ferdinand E. Deist, Emanuel Tov, Etan Levine, Israel Yeivin, Daniel S. Mynatt, além de outros.

c. *Biblia Hebraica Quinta* (BHQ)

Está previsto para ser publicada por volta de 2006 a edição que sucederá a BHS e que tem por título *Biblia Hebraica Quinta* (BHQ). Esta edição tem como texto base o Códice de Leningrado B19a; também terá a Masora Parva, a Masora Magna e a Masora Finalis do citado códice em seus formatos originais, além de seguir a ordem dos livros bíblicos do modo em que exatamente aparecem no mesmo. Seu aparato crítico tem passado por uma revisão completa para refletir as novas descobertas no campo da Crítica Textual.<sup>52</sup>

A terminologia utilizada no aparato crítico da BHQ é calçada no inglês ao invés do latim empregado nas edições anteriores. Por exemplo: comm (*commentary*, comentário); differ (*difference*, *different*, diferença, diferente); foll (*followed by*, seguido por); modern (*modernization*, modernização); prec (*preceded by*, precedido por); txt (*text*, texto), entre outros exemplos.<sup>53</sup> Além disso, foi abandonado o emprego de letras góticas para designar os testemunhos antigos do texto bíblico, como era prática comum na BHK, BHS e na HUBP. Para alguns testemunhos textuais antigos, pode-se citar como exemplo: LXX: G (*Old Greek*); Guenizá do Cairo: Gnz (*Cairo Geniza*); Vetus Latina: La (*Old Latin*); Texto Massorético: M (*Masoretic Text*); Penta-teuco Samaritano: Smr (*Samaritan Pentateuch*); Targum: T (*Targum*); Vulgata: V (*Vulgate*), entre outras abreviaturas.<sup>54</sup>

Em relação à citação de variantes textuais contidas nos manuscritos massoréticos, a BHQ cita em seu aparato os seguintes códices e suas abreviaturas: Códice de Alepo A (M<sup>A</sup>), Códice Or 4445 B (M<sup>B</sup>), Códice do Cairo dos Profetas C (M<sup>C</sup>), Códice

52 Cf. BHQ, 1998, p. V-XII.

53 Ibidem, 1998, p. XXII-XXVI.

54 Ibidem, 1998, p. XIX-XXI.

dice de Leningrado B19a (M<sup>L</sup>), Códice Sassoon 1053 (M<sup>S1</sup>), Códice Sassoon 507 (M<sup>S5</sup>), entre outros manuscritos massoréticos.<sup>55</sup>

O comitê editorial pretende publicar a BHQ em dois volumes: o primeiro contendo o texto bíblico, Massorá, aparato crítico, introduções, sinais, abreviaturas, tabela para termos massoréticos e o segundo: um volume contendo comentários das notas mais relevantes do aparato crítico e tradução e explicações das notas massoréticas da Masora Parva e da Masora Magna (inclusive os casos mais complexos).<sup>56</sup> Há de se notar que esse aspecto da edição é inteiramente novo, pois nenhuma das edições anteriores, BHK, BHS ou mesmo a HUBP apresenta tal informação em seus respectivos textos.<sup>57</sup> Outro aspecto inovador é a inclusão de uma introdução para cada livro bíblico contendo descrições dos testemunhos textuais antigos usados na edição do mesmo.<sup>58</sup>

O projeto da edição da BHQ já está em andamento e seu comitê editorial é formado por Adrian Schenker, Yohanan Goldman, Stephen Pisano, Arie van der Kooij entre outros. Os responsáveis pelo novo aparato crítico e Massorá são: David Marcus, Carmel McCarthy, Leonard Greenspoon, Avraham Tal, Zipora Talshir, Natalio Fernández Marcos, além de outros eruditos. Em assuntos relacionados à Massorá, esta edição conta com a colaboração de Aron Dotan da Universidade de Tel Aviv, Israel. É a primeira vez que a equipe responsável pela nova edição crítica da Bíblia Hebraica é composta de estudiosos cristãos e judeus de várias procedências. Até agora foi publicado o fascículo, com o livro de Rute, cujo editor responsável pela edição é Jan de Waard (Stuttgart, 1998).<sup>59</sup>

55 Ibidem, 1998, p. XIX-XXI.

56 Cf. BHQ, 1998, p. IV.

57 Ibidem, 1998, p. 15-25.

58 Ibidem, 1998, p. XIV.

59 Cf. BHQ, 1998, p. 1.

d. *Hebrew University Bible Project* (HUBP)

A Universidade Hebraica de Jerusalém pretende publicar uma nova edição da Bíblia Hebraica baseada no Códice de Alepo A datado entre 925 e 930 e considerado, por alguns estudiosos, o manuscrito mais fiel à tradição da família Ben Asher e de melhor qualidade do que o Códice de Leningrado B19a. Alguns eruditos como Izhak ben-Zvi, Moshe H. Goshen-Gottstein e Jordan S. Penkower argumentam que esse manuscrito é o mesmo usado por Moisés Maimônides (Moshe ben Maimon, 1136-1204) no Egito e que anteriormente fora usado em Jerusalém como *códice modelo* para reprodução e correção de outros códices. Desde o final do século XIV esse códice permaneceu em Alepo, Síria e hoje está em Jerusalém, Israel, desde muitos anos.<sup>60</sup>

A nova edição baseada nesse códice tem a direção geral de Moshe H. Goshen-Gottstein e até agora somente foram publicados três volumes do livro de Isaías: *The Book of Isaiah*, vol. 1 (1975), vol. 2 (1981) e vol. 3 (1995); e também o livro de Jeremias: *The Book of Jeremiah* (1997), editado por Chaim Rabin, Shemaryahu Talmon e Emanuel Tov. Dentre os seus colaboradores estão Israel Yeivin, Moshe Bar-Asher, Yeshayahu Maori, Galen Marquis, Dvora Dimant, entre outros.

A Bíblia Hebraica da Universidade Hebraica de Jerusalém pretende ser a mais extensa e a mais profunda base de estudos do texto do Antigo Testamento nunca antes publicado. Além disso, a importância dessa futura publicação é que ela reproduz exatamente o Códice de Alepo A, o qual está sendo publicado pela primeira vez; em muitos aspectos, essa edição difere substancialmente em relação à BHK e à BHS.<sup>61</sup>

60 Cf. I. ben-Zvi, "The Codex of Ben Asher", *Textus* 1, 1960, p. 7-9; M.H. Goshen-Gottstein, "The Authenticity of the Aleppo Codex", *Textus* 1, 1960, p. 17-19 e 24 e J.S. Penkower, "Maimonides and the Aleppo Codex", *Textus* 9, 1981, p. 40-43.

61 Cf. Tov, 1992, p. 378 e Würthwein, 1995, p. 44.

Seu aparato crítico é composto de cinco blocos para refletir a história do texto da Bíblia Hebraica levando em conta versões antigas, fontes judaicas desde o período do Segundo Templo, passando pela literatura rabínica da época talmúdica e concluindo com a literatura judaica medieval. As notas de Crítica Textual são divididas em quatro aparatos e mais um com comentários:<sup>62</sup>

- 1º Citações de variantes nas versões antigas: LXX, Vulgata, Targum, entre outras.
- 2º Citações de variantes nos Manuscritos do Mar Morto e na literatura rabínica.
- 3º Citações de variantes consonantais nos manuscritos massoréticos.
- 4º Citações de variantes de vocalização, de acentuação e de algumas notas da Massorá em manuscritos massoréticos.
- 5º Comentário bilingüe (hebraico e inglês), principalmente do 1º aparato.

## Conclusão

Desde o século XV, quando apareceram as primeiras edições da Bíblia Hebraica, tanto o mundo acadêmico como as comunidades religiosas possuem e utilizam publicações do texto bíblico hebraico. Sempre houve, principalmente por parte do mundo acadêmico, o objetivo de se editar um texto que fosse satisfatório para todos aqueles que utilizam o Antigo Testamento em sua língua original. Para tanto, os eruditos buscaram fontes que fossem as mais próximas à época de auge da atividade massorética ocorrida no século X. Tal objetivo sempre esteve na mente dos estudiosos desde que Jacob ben Hayyim publicou sua edição em Veneza em 1524/1525. Com a disponibilidade de

62 Cf. HUBP, 1995, p. xxii-xlviii

manuscritos, tais como o Códice de Alepo A e o Códice de Leningrado B19a para servirem de base para edições impressas, o público leitor pode ter acesso hoje a um texto seguro que reflete em muitos detalhes o texto estabelecido pelos massoretas desde o surgimento de suas atividades na Babilônia no século VII e aperfeiçoada no século X com os trabalhos dos massoretas da família Ben Asher.

### Abreviaturas:

#### Geral:

BHK	R. Kittel e P.E. Kahle (eds.), <i>Biblia Hebraica 3</i> , 1929/1937
BHQ	A. Schenker et alii (eds.), <i>Biblia Hebraica Quinta</i> , 1998-
BHS	K. Elliger e W. Rudolph (eds.), <i>Biblia Hebraica Stuttgartensia</i> , 1967/1977
HUBP	Hebrew University Bible Project
HUBP, 1995	M.H. Goshen-Gottstein (ed.), <i>The Book of Isaiah</i> , vol. 3, Hebrew University Bible Project, 1995
HUBP, 1997	C. Rabin, S. Talmon e E. Tov (eds.), <i>The Book of Jeremiah</i> , Hebrew University Bible Project, 1997
LXX	Septuaginta (Tradução dos Setenta)

#### Periódicos:

<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JJS</i>	<i>Journal of Jewish Studies</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
<i>Morashá</i>	<i>Morashá: Órgão Informativo Trienal da Congregação e Beneficência Sefardi Paulista</i>
<i>Textus</i>	<i>Textus: Studies of the Hebrew University Bible Project</i>
<i>VT</i>	<i>Vetus Testamentum</i>

### Bibliografia

- ASHERI, Michael. *O Judaísmo Vivo: As Tradições e as Leis dos Judeus Praticantes*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.
- BARR, James. "Review of *Biblia Hebraica Stuttgartensia*", *JTS* 30, 1979, p. 212-216.
- \_\_\_\_\_. "Review of *Biblia Hebraica Stuttgartensia*". *JJS* 25, 1980, p. 98-105.
- BEN-ZVI, Izhak. "The Codex of Ben Asher", *Textus* 1, 1960, p. 1-16.
- BEREZIN, Jaffa R. *Dicionário Hebraico-Português*. São Paulo: Edusp, 1995.
- BROTZMAN, Ellis R. *Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction*. Grand Rapids: Baker Book House, 1994.
- ELLIGER, K. e RUDOLPH, W. (eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- GINSBURG, Christian D. *Introduction to the Massoretico-Critical Edition of the Hebrew Bible*. London: Trinitarian Bible Society, 1897.
- GLASMAN, Jane B. de. "Escritura e Judaísmo", *Morashá* 33, ano IX, junho de 2001, p. 28-31.
- GOSHEN-GOTTSTEIN, Moshe H. "The Authenticity of the Aleppo Codex", *Textus* 1, 1960, p. 17-58.
- \_\_\_\_\_. (ed.). *The Book of Isaiah*. vol. 3. Hebrew University Bible Project. Jerusalém: Magnes Press, 1995.
- GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. Coleção Bíblia e Sociologia. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1988.
- HATZAMRI, Abraham e MORE-HATZAMRI, Shoshana. *Dicionário Hebraico-Português e Português-Hebraico*. Tel Aviv: Editorial Aurora, 1991.
- KAHLE, Paul E. "The Hebrew Ben Asher Bible Manuscripts", *VT* 1, 1951, p. 161-167.
- \_\_\_\_\_. "The New Hebrew Bible", *VT* 3, 1953, p. 416-420.
- \_\_\_\_\_. *The Cairo Geniza*. 2ª ed. Oxford: Basil Blackwell, 1959.
- KELLEY, P. H, MYNATT, D.S e CRAWFORD, T.G. *The Masorah of Biblia Hebraica Stuttgartensia: Introduction and Annotated Glossary*. Grand Rapids-Cambridge: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998.

- KITTEL, Rudolf e KAHLE, Paul E. (eds.). *Biblia Hebraica 3*. 15<sup>a</sup>. ed. Stuttgart: Privileg. Württembergische Bibelanstalt, 1968.
- KOREN, Mordechai (ed.). *Torah, Neviim, Ketuvim*. Jerusalém: Koren Publishers Jerusalem LTD, 1996.
- LEVIAS, Caspar. "Masorah" in *The Jewish Encyclopedia*. vol. VIII. New York-London: Funk and Wagnalls Company, 1916, p. 365-371.
- MAINVILLE, Odette, *A Bíblia à Luz da História: Guia de Exegese Histórico-Crítica*. Coleção Bíblia e História. São Paulo: Paulinas, 1999.
- PENKOWER, Jordan S. "Maimonides and the Aleppo Codex", *Textus* 9, 1981, p. 39-129.
- PISANO, Stephen. "O Texto do Antigo Testamento" in SIMIANYOFRE, H. (coord.) et alii, *Metodologia do Antigo Testamento*. Coleção Bíblica Loyola 28. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 39-71.
- RABIN, Chaim, TALMON, Shemaryahu e TOV, Emanuel (eds.), *The Book of Jeremiah*. Hebrew University Bible Project. Jerusalém: Magnes Press, 1997.
- ROBERTS, Bleddyn J. "The Emergence of the Tiberian Massoretic Text", *JTS* 49, 1948, p. 8-16.
- \_\_\_\_\_. "The Hebrew Bible Since 1937", *JTS* 15, 1964, p. 253-264.
- SANDERS, James A. "Review of Biblia Hebraica Stuttgartensia", *JBL* 98, 1979, p. 417-419.
- SCHENKER, Adrian et alii (eds.). *Biblia Hebraica Quinta. Fasciculus extra seriem: Librum Ruth*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1998.
- SCOTT, William R. *A Simplified Guide to BHS: Critical Apparatus, Masora, Accents, Unusual Letters & Other Markings*. 3<sup>a</sup> ed. N. Richland Hills: BIBAL Press, 1995.
- SELLIN, Ernst e FOHRER, Georg. *Introdução ao Antigo Testamento*. vol. 2. 3<sup>a</sup> ed. Nova Coleção Bíblica 6. São Paulo: Edições Paulinas, 1978.
- SNAITH, Norman K. "The Ben Asher Text", *Textus* 2, 1962, p. 8-13.
- \_\_\_\_\_. "Bible: Printed Editions (Hebrew)" in *Encyclopaedia Judaica*. vol. 4. Jerusalém: Keter Publishing House, 1972, cols. 836-841.

- \_\_\_\_\_. (ed.). *Hebrew Old Testament*. London: British and Foreign Bible Society, 1995.
- THALENBERG, Aron. *História Cultural Judaica: Época Bíblica*. São Paulo: Associação Universitária de Cultura Judaica, 1994.
- TOV, Emanuel. *Textual Criticism of the Hebrew Bible*. Minneapolis-Assen/Maastricht: Fortress Press-Van Gorcum, 1992.
- TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- VASHOLZ, Robert I. *Data for the Sigla of the BHS*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1983.
- WONNEBERGER, Reinhard. *Understanding BHS: A Manual for the Users of Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 2<sup>a</sup> ed. Subsidia Biblica 8. Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1990.
- WÜRTHWEIN, Ernst. *The Text of the Old Testament: An Introduction to the Biblia Hebraica*. 2<sup>a</sup> ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995.
- YEIVIN, Israel. "The New Edition of the Biblia Hebraica – its Text and Masorah", *Textus* 7, 1969, p. 114-123.
- \_\_\_\_\_. *Introduction to the Tiberian Masorah*. Masoretic Studies 5. Missoula: Scholars Press, 1980.